



Apresentação do dossiê: Cinema, Mulheres e Ditaduras: Resistências no Brasil e na América Latina-2024/2

- Fran Rebellato
- Kate Lana Paiva
- Marina Cavalcanti Tedesco

Os regimes ditatoriais da segunda metade do século XX deixaram as veias de nossa América Latina ainda mais abertas. Entre 1950 e 1980, diversos países latinoamericanos, incluindo o Brasil, enfrentaram regimes ditatoriais que deixaram marcas profundas na história, na política, na cultura e nos corpos. Regimes que reprimiram violentamente toda e qualquer voz dissonante, censurando expressões artísticas, apagando memórias, silenciando narrativas. Tudo isso com a participação não só de militares, mas também de civis e, sobretudo, dos grandes empresários interessados no aumento de seus lucros.

A elaboração deste Dossiê se inicia no ano de 2024, ano em que o golpe que instaurou a ditadura civil-empresarial-militar no Brasil completou 60 anos. O dia que durou vinte um anos - de 1964 a 1985 - é uma data que jamais deve ser comemorada, porém que deve ser lembrada. Em especial, diante das últimas décadas, quando temos enfrentado uma conjuntura mundial de ascensão da extrema direita celebrando regimes ditatoriais mundo afora, disputando narrativas, falseando a história, apagando memórias, atentando contra democracias.

Ao mesmo tempo, em meio a esse contexto de recrudescimento de discursos autoritários e conservadores, crescem também as iniciativas - cada vez mais necessárias - de revisitar criticamente o passado - para não esquecer jamais. Observa-se um fortalecimento dos estudos de gênero, raça e classe em diversas áreas do conhecimento e sobre diferentes períodos históricos. Um fortalecimento da ciência a serviço da verdade, justiça e reparação.

No cinema, temos destaque para as trajetórias de mulheres que criaram, resistiram, documentaram e imaginaram outros futuros possíveis, mesmo sob regimes de exceção. É neste contexto que apresentamos o Dossiê “Cinema, Mulheres e Ditaduras: Resistências no Brasil e na América Latina”.

Os textos selecionados para este dossiê, a despeito da preponderância de contribuições sobre obras brasileiras, sinalizam a diversidade das lutas e resistências das mulheres na América Latina. Alguns deles demonstram que, mesmo no que se refere a cineastas/filmes/períodos bastante estudados, ainda há muito o que conhecer quando se adota enfoques originais.

É o caso do artigo “As mulheres da Corcina: a trajetória de filmes esquecidos produzidos na ditadura militar”, de Patrícia Furtado Mendes Machado. Ao se voltar para a produção de mulheres dentro da Cooperativa de Realizadores Cinematográficos Autônomos (Corcina), criada em 1978, início dos debates sobre a redemocratização política no Brasil, traz à luz os curta-metragens quase desconhecidos *Rito de Passagem* (Sandra Werneck, 1979) e *Tempo Quente* (Leilany Fernandes, 1980). Interessa à autora não apenas as produções em si, mas também as condições que as tornaram possíveis, sua circulação e sobrevivência.

Outro exemplo é “Corpo-arquivo e um ensaio cartográfico do trauma intergeracional em *La Teta Asustada*”, de Fernanda Sabino. Para pensar o entrelaçamento da história do Peru com os corpos de mulheres que compartilham o trauma intergeracional da violação, mobiliza o corpo como um arquivo e o pensamento da antropóloga Vyjayanthi Rao. Com Rao, observa como o premiado longa-metragem de Cláudia Llosa constrói a cidade e o espaço urbano “para além dos mapas”.

Em “As Mulheres na ditadura civil-militar brasileira: análise da representação feminina no filme *O que é isso, companheiro?* e sua contribuição didática para o ensino e aprendizagem da História”, de Darcylene Domingues, percebe-se um deslocamento em relação às abordagens mais comuns à ficção histórica dirigida por Bruno Barreto. Ao propor discutir a participação de mulheres na luta contra a ditadura civil-militar brasileira a partir de um filme que não tem este objetivo, Domingues explora justamente o que a não intencionalidade e o que se diz sem querer dizer têm a contribuir às sala de aula.

Ainda no que tange a cineastas/filmes/períodos bastante estudados, temos uma contribuição sobre Lúcia Murat, diretora intransponível quando se trata do tema deste dossiê. Partindo do conceito de Michel Foucault de escrita de si para analisar *Que bom te ver viva* (1989), *Uma longa viagem* (2011) e *A memória que me contam* (2012), Raabe Bastos tece interessantes considerações sobre o retrato que a realizadora pinta na “com-fusão” da sua trajetória com a de suas personagens.

Daniela Castro Pastore, Elis Crokidakis Castro e Ivana Denise Grehs somam seus conhecimentos no texto “Memórias, afetos e espaços no documentário *Torre das donzelas*”, realizado por Susanna Lira (2018). O resultado é uma análise multifacetada, que passa por Antonio Candido, Henri Bergson, Walter Benjamin, Gestalt e trilha sonora.

Por fim, em “Memórias de mulheres: o legado do Novo Cinema Latino-Americano em *Treinta y Dos* (Ana Mohaded, 2012) e *Con Nombre de Flor* (Carina Sama, 2019)”, Ana Paula Compagnucci retoma o legado do Novo Cinema Latino-Americano sob a ótica feminista e contemporânea das diretoras argentinas. E aponta para a importância do audiovisual na produção de subjetividades e na reconstrução histórica das memórias coletivas dos sujeitos marginalizados pelas Instituições e pelo Estado.

O dossiê “Cinema, Mulheres e Ditaduras: Resistências no Brasil e na América Latina” se soma a um conjunto de contribuições teóricas capazes de provocar a necessária reflexão sobre as feridas abertas deixadas pelo sistema opressor ditatorial em nosso continente, mais do que isso, é um lampejo de luz para animar nossas lutas no sentido de construção de uma outra sociabilidade emancipadora para a classe trabalhadora. Desejamos uma ótima leitura!

Fran Rebellato

Doutora em Cinema e Audiovisual na UFF. Professora de cinema e audiovisual na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Kate Lana Paiva

Dra. em Artes Visuais - professora do Colégio Universitário Geraldo Reis da Universidade Federal Fluminense

Marina Cavalcanti Tedesco

Dra. em Comunicação - professora do Dept. de Cinema e Vídeo e do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense